

Química e Surdez: Com a palavra, os intérpretes de Libras.

Eloisa R. da Luz¹ (IC); Lidiane de L. S. Pereira¹ (FM)* lidiane.pereira@ifg.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Anápolis.

Palavras Chave: *Química; Intérpretes; Libras; Surdos.*

Abstract

Chemical and Deafness: In the words of Libras interpreters. The objective of this study is to analyze the chemistry teaching from the look of the interpreter, mediator of chemical knowledge.

Introdução

Quando nos referimos à educação de alunos surdos, esta se apresenta como um assunto inquietante, levando vários pesquisadores a se debruçarem sobre o assunto^{1,2,3}.

A pessoa surda apresenta um atraso na aquisição da linguagem e isso gera algumas dificuldades envolvendo a aprendizagem, bem como a abstração de conceitos, retendo o surdo a circunstâncias mais concretas. No entanto, o indivíduo surdo tem possibilidades de se desenvolver como qualquer outro, dado a ele condições reais de aprendizagem, colocando-o em um ambiente linguístico favorável e considerando seus limites.

Diante deste panorama, o presente estudo teve como objetivo analisar o ensino de química a partir do olhar do intérprete, mediador do conhecimento químico.

Resultados e Discussão

A pesquisa se constituiu como um estudo de caso e o instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista, cujas questões remetiam às dificuldades inerentes ao ato de interpretar/traduzir as aulas de Química.

Participaram do estudo oito intérpretes de alunos surdos matriculados no ensino médio da rede estadual de ensino de Anápolis-Goiás.

Destes, cinco se tornaram intérpretes após a realização de curso de Libras em instituições de ensino e os outros aprenderam sozinhos, com parente surdo ou igreja e quanto ao tempo de atuação como intérprete somente um deles atuava há menos de quatro anos como intérprete.

Os intérpretes através da entrevista ressaltaram alguns aspectos considerados preponderantes no que diz respeito à aprendizagem da química por parte dos alunos surdos. Dentre eles: à falta de sinais dos conceitos químicos, a “abstração” da disciplina, a falta de preparação do professor para lidar com os alunos surdos e intérpretes.

Em relação à falta de sinais, cabe ressaltar que mesmo a Libras sendo fator preponderante na

educação de surdos, existem outros determinantes do sucesso ou fracasso da aprendizagem de alunos surdos, já que alunos ouvintes também apresentam problemas no aproveitamento escolar da química⁴.

Um dos fatores determinantes pode ser explicado pelo fato de que o que se diz oralmente não é traduzido ao mesmo tempo em língua de sinais, e no caso da química ainda temos o agravante de não oferecer muitos verbetes correspondentes em Libras, ou seja, pode acontecer de o conteúdo ser reduzido e por mais que o intérprete tenha uma ampla competência, os conceitos não chegam da mesma forma ao aluno surdo.

Entretanto, enfocamos que na sala de aula, os atores principais são o professor e aluno, e neste caso, o intérprete se constitui como um apoio para mediar o conhecimento químico para o aluno surdo. Assim, ao professor cabe o ensino que é de sua responsabilidade, e apesar da falta de comunicação com o aluno surdo, não pode delegar sua função ao intérprete.

Pautados nesses pressupostos, salientamos a necessidade de refletirmos sobre ações conjuntas do professor de química, detentor do conhecimento específico da área, e o intérprete, mediador do conhecimento químico, enfocando o surdo como ser cultural e com potencialidades de desenvolvimento como qualquer outro aluno, entretanto, oferecendo a ele um ambiente linguístico adequado.

Conclusões

A análise das narrativas dos intérpretes permitiu-nos identificar uma homogeneia nos discursos de tal forma que percebemos que na realidade da escola inclusiva, infelizmente o modelo estrutural de ensino é pensado para os alunos ouvintes, maioria nas salas de aula. Sendo assim, é imprescindível que cada ator nesse processo, se conscientize do seu papel frente ao ensino e aprendizagem do aluno surdo, de modo a estabelecer uma parceira colaborativa que possibilite o desenvolvimento do surdo, bem como o exercício de sua cidadania como qualquer outro sujeito.

¹Feltrini, G. M. *Aplicação de Modelos Qualitativos à Educação de Surdos*. 2009. 221 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

²Lacerda, C. B. F. *Caderno CEDES*. 2006, vol. 26, n. 69, p. 163-184.

³Oliveira, W. D. de; Melo, A. C. C.; Benite, A. M. C. *Anais do IV Congresso Brasileiro de Educação Especial*, 2010, São Carlos: EdUFSCar, 2010.

⁴Damázio, M. F. M. *Deficiência Auditiva*. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2007.